

SESSÃO DA
MEIA-NOITE
COM RAYNE
E DELILAH

TAMBÉM DE JEFF ZENTNER

Dias de despedida

Juntos somos eternos

JEFF ZENTNER

SESSÃO DA
MEIA-NOITE
COM RAYNE
E DELILAH

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2019 by Jeff Zentner

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Rayne & Delilah's Midnite Matinee

CAPA Simon Prades

LETTERING Casey Moses

PREPARAÇÃO Luisa Tieppo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Jasceline Honorato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zentner, Jeff

Sessão da meia-noite com Rayne e Delilah / Jeff Zentner ; tradução Guilherme Miranda. — 1^a ed. — São Paulo : Seguinte, 2019.

Título original: Rayne & Delilah's Midnite Matinee.
ISBN 978-85-5534-093-2

1. Ficção norte-americana I. Título.

19-28401

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

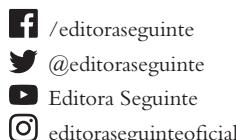
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



Para Tennessee e Sara, minhas salvações.

*Para Jessi Zazu (1989-2017) e todas as garotas que fazem coisas juntas
e brilham muito.*

JOSIE

Esse é o lance dos sonhos (e estou falando do tipo de sonho que a gente tem quando está dormindo, não do tipo em que a gente finalmente aprende a surfar aos cinquenta anos de idade): eles são feitos sob medida para o único espectador que vai assistir a eles, que é você mesmo. É por isso que eu não curto muito contar meus sonhos para os outros.

Dito isto, tenho um sonho recorrente. Ele se repete de meses em meses, mas queria que se repetisse mais porque é incrível e, quando acordo, fico deitada por um tempo, querendo poder voltar a ele. Nesse sonho, estou em algum lugar muito familiar. Normalmente, é a casa da minha avó.

A casa dela era bem pequena. Sempre cheirava a cobertor e biscoitos de aveia e aquele odor de mofo de quando se liga o ar-condicionado pela primeira vez depois do inverno. A casa tinha um porão que cheirava a terra fria mesmo durante o verão, onde minha avó armazenava latas de creme de milho, frascos de vagem em conserva e garrafas de dois litros de Coca Zero. No meu sonho, vou até o porão. Descubro uma porta que dá para um corredor. Entro. Percorro um longo caminho; é escuro e frio, mas não sinto medo. Depois de um tempo, chego a uma imponente sala de mármore, luxuosa e bem iluminada. Há colunas e fontes e sinto cheiro

de flores. Sigo em frente e me deparo com um cômodo seguido do outro. É tudo imponente, glorioso, lindo e perfeito. Não é o que se esperaria encontrar ali.

Mas está ali e, por alguns instantes (já ouvi dizer que os sonhos nunca duram mais do que cinco minutos; eu duvido muito, mas enfim), posso viver a mais inesperada das grandiosidades, que se esconde, como um labirinto secreto, sob a pequena casa da minha avó em Jackson, no Tennessee.

Então eu acordo, a adrenalina da possibilidade e da descoberta escapa de mim feito fumaça. É uma sensação deliciosa. *Só mais um pouquinho*, digo. Mas sempre passa.

Outro motivo por que é uma droga contar os sonhos para os outros é que, de repente, todo mundo vira um especialista em interpretação de sonhos: [voz genérica de um psiquiatra alemão] “Então, veja bem, quando você está dirigindo aquela bicicleta feita de varas de pescar usando uma fralda geriátrica, isso simboliza...”. Que você tem medo de fracassar. Que está espumando de raiva. Que tem medo de ficar tão adulto que não vai mais rir pensando no duplo sentido de “varas”. Vai saber?

No entanto, os sonhos têm seu próprio universo. Eles existem dentro de você, e você é o Deus desse universo, por isso ninguém pode dizer para você o que eles significam. Você precisa descobrir sozinho, isso se os sonhos significam alguma coisa, o que não acho que seja sempre verdade.

Mas esse sonho em particular — esse em que encontro todas essas passagens secretas —, acho que ele significa alguma coisa, sim. Acho que significa que existe algo grandioso dentro de mim, algo extraordinário e misterioso que ainda não foi descoberto.

Isso é o que digo para mim mesma. Uma coisa em que acredito.

DELIA

Adoro gente medíocre. Aquelas pessoas que dão o máximo de si para criar algo lindo, grandioso, que os outros vão lembrar e comentar depois que elas morrerem — e não conseguem. E não por pouco. Por *muito*. Esse é meu tipo de gente. Damos risada dessas pessoas, mas ninguém tem outra escolha na vida a não ser acreditar de todo o coração que é extraordinário. Precisamos ter essa convicção mesmo com todas as evidências do contrário. Senão viver é muito triste.

Às vezes me pergunto se sou mesmo a pessoa medíocre que acredito que sou, porque provavelmente um dos lances da mediocridade é você não saber que é medíocre. Na verdade, aposto que, para atingir a mediocridade plena, a pessoa precisa achar que é *melhor* do que todo mundo. Alguns dos filmes a que Josie e eu assistimos? Só podem ser frutos de uma mente megalomaníaca. Se a pessoa tivesse alguma noção, não colocaria esse tipo de filme no mundo. Monstros ruins. Trabalho de câmera (bônus para tentativas óbvias de ser “artístico”) que dão náuseas (e não no bom sentido que se espera de um filme de terror). Subenredos românticos bizarros e narrados de qualquer jeito, que costumam ser ainda mais aterrizzantes do que a trama central. Interlúdios musicais tenebrosos (quanto mais mirabolantes e menos a ver com o enredo ou tema,

pior). Finais abruptos e anticlimáticos que dão a impressão de que o orçamento acabou antes do fim da história.

Sinto que tenho a obrigação de testemunhar tudo isso e dar aos outros a chance de fazer o mesmo. Um dever, acho. “Vejam só, esta é a obra dos meus irmãos e irmãs do lixo. Lembrem-se deles e do que tentaram fazer.”

Também adoro gente medíocre porque somos abandonados a todo momento. Quando você é abandonado, às vezes você sabe o motivo, às vezes não. Não sei o que é melhor. Se você sabe, acho que pode se esforçar para melhorar ou algo do tipo. Para não ser abandonado da próxima vez. Isso deve funcionar mais com namorados e namoradas do que com pais. Você só tem um pai e, se ele for embora, meio que não faz diferença se você fica sabendo do motivo, porque não vai ter como se esforçar mais com o próximo pai.

Não sei por que meu pai me abandonou. Não acho que seja porque eu ou minha mãe sejamos medíocres. Ele adorava a mediocridade tanto quanto eu. Pelo menos, acho que sim. Todos os filmes eram dele. Dele ou da minha mãe.

Algum dia ainda vou perguntar para ele.

JOSIE

- Calça nova? — pergunto quando Delia entra no meu carro.
- Sim. Sete contos no Ebay, sem contar o frete da Eslovênia.
- É de couro?
- Por sete contos? — Delia começa a farejar o ar como um cão de caça. — Está fedendo aqui.
- Você é esquisita — digo.
- Um cheiro meio de querosene, meio de gambá.
- Respiro tão fundo que fico zonza.
- Nem. Não estou sentindo nada.
- É o Buford? — Delia diz, lançando um olhar para o banco de trás, onde meu basset hound, Buford T. Rutherford B. Hayes, está esparramado feito um saco marrom de gelatina canina, com uma cara tristonha. Talvez uma cara ainda mais tristonha do que de costume ao perceber que está fazendo papel de bode expiatório.
- Buford é inocente perante Deus, Delia Wilkes. Como você ousa dizer isso? E por que ele estaria com um cheiro meio de querosene, meio de gambá?
- Porque ele tem essas orelhonas, sabe. E é peidorreiro.
- Bom, em primeiro lugar, eu dei banho ontem no meu cãochorro orelhudo e peidorreiro. E, dois, conheço o aroma dele, e não é tão químico assim.

Delia inspira de novo, mais fundo, fechando os olhos.

— Então você *está* sentindo.

— Sim, Hannibal Lecter, agora eu estou — responde. — Meu carro está fedendo igual a um posto de gasolina que sediou uma orgia de gambás. Já saquei.

Delia não diz nada, mas levanta uma das pernas vestida com a calça de vinil preto à altura do nariz. Ela fareja algumas vezes, abaixa a perna e olha pela janela, em silêncio. Com uma cara de culpa, para dizer a verdade. Um sorrisinho repuxa os cantos da boca dela.

Ataco.

— Ah, aha! O que você descobriu?

— Nada. — Os cantos da boca dela se erguem um pouco mais.

— A caçadora de fedor se tornou a caça fétida?

— Quero que você saiba que esse cheiro não está sendo emitido da minha bunda.

— *Sendo emitido?* Quem fala desse jeito?

— Só quero deixar claro que minha bunda está limpa.

— Uhum.

— Nem vem com esse *uhum* cético. Essa calça não estava fedendo quando tirei da embalagem ontem. É tipo um cheiro ruim ativado pelo calor.

— Uhum. — O ar-condicionado do meu Kia Rio definitivamente não está dando conta do calor de fim de abril. Parece que a primavera tropeçou e derrubou todo o verão que carregava nos braços.

— É sério — Delia diz. — Como se tira o fedor de uma calça de vinil? Passando por lava-rápido enquanto eu estiver usando a calça?

— Tem certeza de que é de vinil e não de couro de gambá?

— Essa situação é a cara da Delia. Se você me contasse que a Delia comprou uma calça pelo Ebay por sete contos, eu *partiria do princípio* que a calça chegaria fedendo a suor de ciborgue. Esse é o

tipo de sorte que ela atrai. Uma vez ela achou uma aranha dentro de uma banana. Quando ela descascou a banana, bum: uma aranha.

Paramos no farol vermelho. O motorista do carro ao lado fica encarando. Faz sentido. Não é todo dia que se veem duas meninas vestidas de vampiras — usando capas pretas com forro vermelho — dentro de um carro no meio de uma rua de Jackson, Tennessee. Também já passamos uma maquiagem dramática porque não vamos ter tempo de nos maquiar no estúdio. Arliss é *muito* ocupado.

— Aliás — digo —, você não deve um pedido de desculpas para alguém?

— Desculpa por ter acusado seu carro de feder.

— Não. — Viro a cabeça na direção de Buford. Ele ergue os olhos com uma cara de cachorro pidão. Acho que a expressão “cachorro pidão” foi inventada para descrever expressões como a que Buford está me fazendo, porque ele vive com essa cara de quem está pedindo alguma coisa. — Ele.

Delia se vira e segura Buford pelas bochechas, acariciando a cabeça e o pescoço dele vigorosamente.

— Ah, mas você é um bom garoto, não um garoto fedido. A tia Delia pede desculpa por dizer que você estava fedendo que nem um gambá encharcado em querosene sendo que era a tia Delia que estava fedendo esse tempo todo.

Ele choraminga e volta a deitar a cabeça no banco. Ele nos odeia. Afinal, a gente meio que o tortura... Mas de um jeito carinhoso? Isso existe? Ele tem, tipo, uns quatrocentos anos em idade de cachorro, e está profundamente cansado das nossas besteiras. Ele nunca quis fazer parte delas.

Tento dizer para ele “mamãe te ama” com um olhar.

— Você consegue imaginar como está atacando o nariz do pobre Buford? — digo a Delia. — O olfato dele é um milhão de vezes melhor do que o nosso.

— Ele está bem. Talvez até esteja gostando do cheiro. Cachorros comem o próprio vômito. — O celular de Delia apita. Ela o tira do bolso como se fosse uma cigarra viva, olha para ele por alguns segundos e o guarda soltando um suspiro. Deve ser a mãe dela falando alguma coisa estranha. A essa altura, sei que é melhor nem perguntar. Mas pergunto mesmo assim. — Sua mãe?

Delia costuma ficar ansiosa de um jeito animado antes de a gente filmar, mas ânimo vacila no rosto dela como uma lâmpada que não foi rosqueada direito, deixando clara apenas a energia nervosa.

— Estou esperando um e-mail importante.

Delia não é do tipo que espera e-mails importantes.

— Coisas de universidades? — (Ela também não é do tipo que quer ir para a universidade. No máximo a faculdade local, que é pra onde ela vai.)

Ela balança a cabeça.

— Meu pai.

— Ele procurou você?

— Juntei dinheiro e contratei uma detetive particular para descobrir onde ele está.

— Jura? Você entrou no escritório de uma detetive particular que nem uma dama das antigas?

— Não, eu mandei um e-mail pra ela, que nem uma dama moderna. Ela ficou de me responder hoje.

— Você tem uma tia ou tio ou alguém assim que sabe onde ele está?

— O pai dele morreu quando ele era pequeno. A mãe dele morreu quando eu tinha três anos. Acho que ele tem uns meios-irmãos que nem o conhecem. Não falamos com nenhum dos tios ou tias dele. Eu teria que contratar uma detetive até para descobrir onde *eles* estão.

— Uau. Então... — Estou bem surpresa, para falar a verdade. Delia não é do tipo que corre atrás das coisas. As notas dela são ruins. Ela vive faltando nas aulas. Fazer esse programa foi a maior motivação que ela já demonstrou na vida. Tentar localizar o pai desaparecido é *muito* proativo da parte dela.

— Pois é. Mas falar sobre isso está me deixando nervosa. Não tenho o talento natural para a TV que você tem. Preciso me concentrar.

Alguns segundos de silêncio carregado.

— Por falar em fazer TV profissionalmente, olha isso: minha mãe falou que conversou com uma amiga da faculdade de direito que trabalha na Food Network e parece que eles têm um escritório em Knoxville, e ela disse que pode me arranjar um estágio. — Assim que as palavras saem da minha boca, eu me arrependo delas. Só porque é normal mudar de assunto não significa que seja uma boa ideia. Preciso me lembrar disso se eu quiser fazer sucesso na TV.

Delia me encara.

— Quando você...? — Ela perde a voz.

— Não sei ainda se quero. É TV e pode ser um bom começo pra minha carreira, mas não sei se a Food Network tem a ver comigo.

— Então seria...

— Durante o ano letivo.

— Mas você não está mais pensando em entrar na Universidade do Tennessee, em Martin?

— Sim. — Sinto uma pontada estranha quando digo isso. Não consigo identificar direito o que é. Como se eu estivesse mentindo, mas não estou.

— Mas você ainda não se matriculou na de Martin. Tipo, formalmente.

— Já me matriculei. Mas também me matriculei na Universidade de Knoxville.

— Isso é permitido? Se matricular em duas universidades diferentes ao mesmo tempo?

— Tipo, acho que pode pegar mal. Mas os prazos estavam chegando e minha mãe queria ver se conseguiria me arranjar um estágio antes de eu escolher de vez uma universidade. Então agora tenho até o outono para cancelar uma das matrículas.

— Se você não for para uma universidade que fique por aqui, não vai ter como fazermos o programa.

— E se você vier para Knoxville comigo? — É melhor eu parar com esse assunto. Posso sentir o pânico de Delia. Agora é um péssimo momento para discutir esse assunto. Não que haja algum momento bom para isso.

— Já sabemos que a TV local de Knoxville não curte o programa. Tentamos umas cinquenta vezes fazer com que transmitissem.

— A voz dela está ficando alta e fragilizada.

— E se eu voltasse pra cá nos feriados e a gente gravasse um monte de episódios?

— Duvido que Arliss toparia. E não daria certo com os meus horários de trabalho.

Um silêncio constrangedor cai entre nós por um momento.

— Somos uma equipe — Delia diz. — Somos muito melhores quando fazemos o programa juntas. Eu preciso de você.

— Certo, eu já falei para você. Vou pra Martin. Não surta. — Tenho quase certeza de que não estou mentindo para a Delia, mas não cem por cento de certeza. Tipo uns noventa e cinco por cento. Ou noventa e quatro. Ou noventa e quatro vírgula sete.

— Não estou surtando.

Ela definitivamente está surtando.

O farol fica verde. Dou um aceno breve para o motorista ao lado antes de sair dirigindo. Ele continua olhando fixamente para a frente.

DELIA

E agora eu estou meio que surtando, como se o nervoso com a detetive não fosse o bastante. Pensar na possibilidade, por menor que seja, de Josie ir embora é a última coisa que eu gostaria de fazer agora. E...

— Ops. — Bato a palma da mão na testa muito maquiada.

— O que foi?

— A gente precisa passar no Dixie Café e comprar uns fígados de galinha pro quadro do Buford.

— DeeDee.

— Eu esqueci! Estava preocupada com o lance da detetive! — E, mais recentemente, com o lance de *a minha melhor amiga talvez me trair e me abandonar*.

— O café é na direção oposta. Se a gente se atrasar...

— Não faço ideia se o cachorro do amigo dos gêmeos vai cooperar sem os fígados de galinha.

— Você conhece o Arliss.

— Eu conheço o Arliss.

Josie pisa no freio e faz uma curva fechada, levando uma buzinada.

— Precisamos de uma música com bongô bem animada para toda vez que tivermos de dirigir bem rápido porque você esqueceu alguma coisa.

— Vou mandar uma mensagem pro Arliss avisando que vamos nos atrasar.

— Porque ele é ótimo em ver mensagens.

— Vou falar que vamos levar comida.

— Você que vai pagar — Josie diz.

Corremos com os fígados de galinha como se precisassem ser transplantados em várias galinhas muito importantes, entrando a toda velocidade no estúdio da TV Six, a única emissora regional do Tennessee.

Arliss Thacker está na porta dos fundos do estúdio, fumando. Ele estreita os olhos para nós como se tivéssemos invadido um desfile de balões gritando “agulhas aqui” ou batido em um nervo sensível dele ou escarrado ou inclinado para trás o assento do banco no avião e atingido o joelho dele. Ele consulta o relógio com uma deliberação e uma concentração ostensivas.

— Ele odeia a gente — murmuro.

— Dá para entender.

— Ô se dá.

Josie se atrapalha com o cinto de segurança pegajoso.

— Só deixamos a vida dele pior.

— Acho que sim.

— Não, tenho certeza porque ele me disse isso. Ele literalmente me disse isso uma vez, palavra por palavra: “Vocês duas só pioraram a minha vida”.

— É a cara dele falar isso.

Josie levanta as camadas rendadas da saia preta de seu vestido e sai, assobiando para Buford segui-la, que a obedece com a relutância resignada de um homem que vai fazer uma colonoscopia pública, rebolando atrás dela com as orelhas balançando. Ela carrega uma marmita de carne de porco, ensopado de abóbora e quiabo frito que compramos para Arliss.

Dou a volta até o porta-malas do carro de Josie, pego nosso balde de plástico cheio de adereços, e o levanto, correndo atrás de Josie. O balde começa a escorregar.

— Ei, Arliss, dá para...

Arliss é um cara grande — um cara moreno com ombros largos e jeito de motoqueiro —, mas nunca se oferece para nos ajudar a carregar as coisas. Ele lembra um pouco o Buford. Essa semelhança espiritual deve ser o motivo por que Buford é sempre o único de nós que Arliss parece feliz em ver.

Ele se agacha para fazer carinho atrás da orelha de Buford, ignorando Josie mesmo depois que ela entrega a marmita para ele.

— O que falei pra vocês sobre carregar coisas?

— Que você já carregou o suficiente por dez vidas. — Lembro do Arliss contando que foi baixista de uma banda country nos anos 90. Ele não é de falar muito sobre o passado dele, o que abre para muitas especulações entre mim e Josie.

— Falei que já carreguei o suficiente por *cem* vidas. — Ele abre espaço para deixar Buford passar, dá um último trago demorado, joga a bituca no chão e pisa nela com o calcinhar da bota.

— Certo — resmungo, e o balde escorrega do meu braço e cai enquanto subo os degraus de concreto. A tampa se abre, e mario- netes e castiçais de plástico se esparramam pelo chão.

Josie volta para me ajudar.

— Na verdade, estava torcendo pra vocês não chegarem. Você们都 tinham mais dois minutos — Arliss diz, se recostando na porta aberta.

— Mas como você passaria sua noite de sexta sem nós? — pergunto.

— Sem sentir nem um pouco de saudades de vocês, fazendo alguma coisa divertida como comer uma torta de frango congelada e pensar em todas as vezes que decepcionei as pessoas que me amam.

— O que a TV Six exibiria no sábado à noite em vez de *Sessão da meia-noite*? — Josie pergunta, enfiando nosso boneco do Frankenstein, Frankenstein W. Frankenstein, no balde.

Arliss dá de ombros.

— Coro do Tabernáculo Mórmon? *Caça e pesca no oeste do Tennessee com Odell Kirkham*? Estática? Quem liga? Particularmente, eu escolheria estática.

— O que eles exibiriam em Topeka, Macon, Greenville, Des Moines, Spokane, Fargo e Little Rock? — Josie pergunta.

— Qualquer coisa que as pessoas daquelas cidades gostam de ignorar ou assistir quando estão chapadas demais para mexer na Netflix.

Levanto o balde e entro na sala. O estúdio é bem isolado do mundo exterior. É fresquinho e escuro e tem o cheiro metálico e morno de aparelhos eletrônicos combinado com o bolor de um porão. Meus olhos demoram um pouco para se acostumar. Arliss fez uma rara demonstração de iniciativa e já arrumou nossas poltronas de veludo vermelho no canto em que filmamos. Tiro nosso pano de fundo com estampa de tijolos de dentro do balde, o desenrolo e começo a prendê-lo no alto. Cria um efeito de masmorra. Ah, mas não se preocupe, já recebemos cartas de telespectadores sobre como isso não é realista para uma casa antiga de Nova Orleans como a que nossas personagens moram. As pessoas têm muito tempo livre, pelo visto. Ainda mais o tipo de pessoa que paga para enviar uma carta com uma reclamação para um programa da TV local.

Josie coloca nosso castiçal elétrico de plástico na mesa de antiquário que fica entre nossas poltronas e o liga na tomada, depois coloca uma caveira de plástico ao lado dele e prende um corvo de plástico no assento da poltrona dela. Ela começa seus exercícios de aquecimento vocal. *Três tigres tristes para três pratos de trigo. Três pratos*

de trigo para três tigres tristes. Menino que muda muito muda muito de repente, pois sempre que é meia-noite a moita muda com a gente.

Termino de grampear nosso pano de fundo e penduro a teia de aranha de nylon com uma viúva-negra de borracha que ocupa o canto superior direito de nosso cenário. Uma vez, sem querer, coloquei no lado esquerdo. Recebemos cartas sobre isso. Várias.

Arliss observa mal-humorado, com a marmita em uma mão, enfiando ensopado de abóbora na boca com a outra enquanto fárelos de biscoito caem por toda a sua camiseta do Chris Stapleton e pousam em sua barriga de cerveja.

Tiro um jaleco branco e um par de óculos de proteção do balde e os entrego para ele. Ele continua observando, sem piscar, e dá outra garfada. Reviro os olhos, tiro um envelope do bolso e dou para ele.

— Sem revirar os olhos. — Ele abafa um arroto, repousa o garfo nas sobras de ensopado de abóbora e segura o envelope delicadamente entre o dedo indicador e o médio, como se aquela fosse uma mensagem secreta que ele vai esconder no decote. Com a mesma mão, abre o envelope e conta. — Vinte, trinta, quarenta, quarenta e cinco... cinquenta.

— Tudo certo?

Ele dobra o envelope e o guarda no bolso da calça.

— Tudo certo como sempre.

— Certo, professor. Vai lá se vestir.

Ele se vira, joga os restos da marmita em uma lata de lixo e vai com sua fantasia. Fica resmungando enquanto veste o jaleco e encaixa os óculos na testa.

— Esse é o meu pior trabalho, e olha que eu já tive uns bem ruins.

— É o que você sempre diz. — Olho o celular. Minha adrenalina se inflama como quando a gente acende uma boca de fogão de-

pois de deixar o gás aberto por tempo demais. Recebi um e-mail. Clico e é spam. Uma forte onda de decepção neutraliza parte da adrenalina, mas demora um pouco para as batidas do meu coração se acalmarem.